

## **A ARTE E SEUS PÚBLICOS: A PRAÇA DO MUSEU COMO INSTRUMENTO DE REFLEXÃO<sup>1</sup>**

Narla Skeff / UnB

### **RESUMO**

Esta pesquisa aborda a atuação dos públicos do Museu Nacional de Brasília (MuN) inaugurado em 2006 junto com a Biblioteca Nacional Leonel de Moura Brizola, em relação às exposições e ao uso do espaço que circunda o edifício. Na praça, um largo entre o Museu e a Biblioteca, há considerável espaço de reunião e lugares de encontros. Este espaço abriga e subsidia manifestações socioculturais, diversas práticas adjacentes às ofertas institucionais, sendo palco em si político-imaginário de dimensão social, política e educativa. Este texto aborda o Museu e sua praça como instrumento de reflexão social. Neste sentido, as particularidades e dinâmicas deste Museu são observadas no âmbito das pesquisas culturais e estudos de públicos.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Museu Nacional de Brasília; públicos de Museu; ofertas institucionais; mediação cultural; apropriação do espaço público.

Os estudos da museologia buscam novas relações com os públicos de museu baseadas nas premissas da democratização social. Segundo Bourdieu e Darbel (2007), a cultura em uma sociedade dividida em classes se transforma em uma moeda, ou instrumento de dominação (e exclusão). O “poder simbólico” leva à interiorização da cultura dominante. Somos ao mesmo tempo agentes e vítimas dessa violência. Neste “arbitrarismo cultural dominante”, a escola contribui para marginalizar alunos das classes mais populares, e o museu mantém essa relação na ótica do turismo cultural. É preciso trocar de papel, desfazer a imagem autoritária do museu e desenvolver a autonomia dos públicos.

James Clifford (2016) afirma que “os museus hoje parecem como lugares de passagem e de constatação, abrindo a novas formas de contato do gerenciamento e da interpretação dos patrimônios”, assim sendo, são “zonas de contato” (e conflito). Desse modo, o museu é um lugar de trânsito onde cruzam diferentes sujeitos e interesses. Todavia, essas interações mesmo divergentes não devem ser ignoradas.

Uma perspectiva de «contato» destaca como os sujeitos são constituídos e as relações que têm com os outros. Ela enfatiza a co-presença, a interação, inter-relacionando entendimentos e práticas, muitas vezes dentro de relações de poder radicalmente assimétricas. (CLIFFORD, 2016, p. 5)

Lígia Dabul (2008) propõe que estudar a presença do público “corresponda a pensar nos limites que costumamos utilizar para recortar a arte, levando em conta as interações e práticas sociais constitutivas e associadas à presença do público”. A reflexão sobre a arte a partir destas interações pode contribuir para a compreensão da arte como vida social. E assim observar como uma mesma instituição pode desempenhar funções diversas (DABUL, 2008 p. 261).

### **Concreto Armado**

Como integrante do Complexo Cultural da República, o Museu Nacional de Brasília (MuN)<sup>2</sup> foi inaugurado em 2006, junto com a Biblioteca Nacional Leonel de Moura Brizola. Previsto no Plano Piloto ainda na década de 1950, é um exemplo de arquitetura modernista tardia, sendo o último projeto de Niemeyer construído em escala significativa. A cúpula do Museu situa-se em posição de destaque, no Eixo Monumental, próxima à Esplanada dos Ministérios, localizada entre a Rodoviária Central e a Catedral Metropolitana.

O MuN afirma ter a missão de difundir a “cultura visual contemporânea”, assim como contribuir para a “pesquisa e a experimentação das diversas linguagens artísticas e culturais” (SECDF)<sup>3</sup>. Tem uma significativa frequência de visitantes espontâneos, procedentes de contextos sociais e culturais dos mais diversos<sup>4</sup>. A cúpula e a praça, que dela se estende, são concreto pulsante, e ofertam o cenário às exposições e aos eventos periódicos.

O Museu, pensado enquanto obra monumental<sup>5</sup>, a ser contemplado, conduz o espectador para dentro da “pintura”. Na praça encontram-se três espelhos d’água circulares, quatro bancos de concreto – atraentes às manobras dos patinadores e skatistas – com cerca de 5 metros, dispostos em dois grupos. Além disso, há postes

SKEFF, Narla. A arte e seus públicos: a praça do museu como instrumento de reflexão, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2931-2937.

de luz e a caixa d'água, um dos pontos de encontro, que também serve de "banco" devido ao declive. Na base da cúpula, circunda uma calha para escoamento de água, que também funciona como local de repouso abaixo da sombra que a rampa suspensa projeta. A obra arquitetônica sugere a paisagem em formas concretas, com linhas e curvas, generosa aos espaços livres. Alguns aspectos vão do ideário à loucura, permitem soltar o imaginário, sugerem uma mente sem fronteiras, mas também sem referências.

A sombra projetada pela Biblioteca é dividida e ocupada de forma mais democrática que o próprio Museu. Nela, principalmente nos finais de semana, convivem patinadores, skatistas, a batalha do rap, ensaios de dança semiprofissional e amadora, slackline, manifestações políticas, assim como debates. Seguindo os ideais das superquadras, o vão térreo da Biblioteca se abre ao convívio social e comunitário.

Na praça entre os edifícios ocorrem palestras, projeções, festivais e eventos diversos, como a "Batalha do Museu"<sup>6</sup>, o "Sarau Silêncio Concreto", "Poesia no Muro", "Festival Latinidades", a "Feira do Livro", as "Rodas de Capoeira", entre outros. Sendo assim, o espaço convexo ao Museu é lugar de passeio, turismo, namoro, práticas de esportes e negociações políticas, sendo um dos principais pontos de encontro em manifestações políticas.

A análise da oferta do Museu e de suas exposições demonstra que poucos dos visitantes sabem de antemão o que está exposto nele. Em relação às apropriações feitas pelos públicos dos espaços "vazios", observamos frequentadores indiferentes às ofertas da instituição. Portanto, existe a necessidade de construir novas perspectivas na relação do Museu com os seus públicos.

A instituição precisa entender seu papel de plataforma de diálogos para provocar discussões transformadoras, ou seja, colocar-se como ponto de partida para a construção de conhecimentos, e não como ponto de chegada de ideias e pensamentos. (N. dos T. in. CLIFFORD, 2016, p. 18).

SKEFF, Narla. A arte e seus públicos: a praça do museu como instrumento de reflexão, Resumo Expandido In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2931-2937.

Sendo assim, cabe ao museu operar criticamente em histórias de contato, dentre outras funções; descolonizar e propor transparência nas suas relações e aproximações. Andrew Dewdney e Victoria Walsh (2013), afirmam que a crítica aos museus e patrimônios nacionais possui traços de uma história que contribui para uma articulação hegemônica de interesses nacionais e de classe, por vezes privados, que hierarquiza gostos e visões atravessando os públicos em sentido único.

No caso do Museu Nacional de Brasília (MuN), acreditamos que noções de representatividade não estão associadas aos seus programas, mas à sua arquitetura dominante, enquanto símbolo cultural da cidade. Perguntamo-nos qual a narrativa do MuN, enquanto Museu Nacional? Na relação do Museu com a cidade, como espaço urbano conectado a uma estrutura social, é possível que suas concepções e ocupações constituam um paradoxo com as realidades do Distrito Federal.

### **Concreto Pulsante**

Encontrar-se no Museu também significa direcionar-se para a praça. Ao observar as instâncias próximas ao edifício e entorno do MuN, em diferentes dias e horários, podemos perceber as variações no fluxo de visitantes. O fluxo de visitantes é constante, ainda que pareça vazio, como afirmam os vigilantes. Nos feriados e finais de semana, as roupas de passeio, os sotaques e a diversidade de idiomas permeiam com maior afinco as galerias. Percebemos a vinda da Rodoviária de casais, familiares, grupo de amigos, realizando a visita ao Museu e em seguida direcionarem-se para a Catedral. Os “populares” vêm em geral de ônibus, e também de carro. E neste caso é comum que a visita aos prédios e monumentos seja extensa e que cheguem ao Museu pela direção oposta, tendo o passeio se iniciado pelo Congresso Nacional. Em entrevista com um caso deste, o casal confessa “a gente nem ia... na verdade, a gente veio na Catedral, daí eu falei ‘vamos ali no museu’. Mas é interessante”. Antes não sabiam do que era o Museu.

Enquanto um museu que abriga artes visuais, o MuN difere de pesquisas que apontam a utilização destes espaços para a formação de artistas ou historiadores da arte, como os principais frequentadores assíduos. Devido à sua localização, tem uma realidade distinta abrangendo um público muito maior, que inclui pessoas alheias à produção de arte contemporânea e classes menos privilegiadas. Os encontros entre jovens, pelos diversos motivos, fazem deles verdadeiros frequentadores. O Museu em cúpula é um corpo parado, os públicos levam organicidade ao estático. A praça, além das práticas culturais mencionadas, tem desenhos/pinturas em alguns lugares do piso, assim como pichações e frases de manifesto. O que também acontece nas paredes da Biblioteca, que parece ter menos rigor a se manter branca, se comparada à cúpula do Museu.

O Museu e sua praça são um ambiente transdisciplinar com práticas que transitam diversas linguagens artísticas. É território transtético e disponível para a aprendizagem coletiva, de mediação – enquanto relação e aproximação – entre processos político-sociais através do compartilhamento de experiências. Interagir com o cotidiano dos visitantes, frequentadores, transeuntes e funcionários, conduz a narrativas sobre o estar-no-mundo, de modo que o contato com as exposições de arte recepciona discussões sobre a produção simbólica diante dos interesses e da diversidade cultural.

O Museu, ao mesmo tempo em que é central, está isolado das atividades da vida diária, do que acontece fora. É um museu sem vizinhos, em uma área não residencial. Ainda assim, tem uma posição privilegiada para os debates da educação e melhor poderá ocupar seu espaço como um agente político, educativo-cultural, organizando-se como sistema aberto e adotando soluções marcadas pela flexibilidade e diversidade, incentivadoras do autodidatismo e criatividade pela exploração de todas as informações disponíveis.

Enquanto os museus não forem além de uma consulta [...] enquanto eles não aportarem uma gama mais ampla de experiências históricas e agendas políticas ao plano concreto das exposições e o controle

das coleções dos museus, eles serão percebidos como instituições meramente paternalistas por pessoas cuja história de contato com museus sempre foi de exclusão e de condescendência. (CLIFFORD, 2016, p. 19)

Desta forma, quando falamos de museus, nos referimos a um lugar de encontro, contato e aproximações, revendo as relações do museu e a ideia de mediação, quer seja por parte da arquitetura, da instituição ou da educação. Os públicos apresentam diferentes condutas, de visitantes que ora são convidados, ora são hóspedes, ora anfitriões e divulgadores informais do espaço, o qual é relacionado como local de passagem por uns e verdadeira morada para outros.

Constatamos a necessidade em desconstruir certas perspectivas e criticar questões patrimoniais quanto à representatividade e expandir o diálogo do Museu com a sociedade, com o objetivo de proporcionar uma visão alternativa, não hierarquizada, empiricamente construída com novos olhares sobre as possibilidades de mediação e aproximação do museu com seus públicos e vice-versa. Assim, reconhecer enquanto espaços de autonomia dos públicos e a transformação por parte da instituição, ao se dispor em trazer condições para que os públicos se transformem da forma como desejem.

## Notas

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Uma primeira versão deste texto foi apresentada como relatório final de pesquisa PIBIC-UNB/CNPq, com minha participação voluntária em 2016 e orientação do professor Dr. Cayo Honorato.

<sup>2</sup> O Museu possui formato semiesférico, com a cúpula medindo 25 metros de raio, a base 35,55 metros de raio, e 26,25 metros de altura. Sua área total é de 15.000 m<sup>2</sup>. No interior desta enorme calota estão dispostos quatro pavimentos: subsolo, piso térreo, piso expositivo e mezanino. (Historia do Museu – documento, 2013).

<sup>3</sup> SECRETARIA ESTADUAL DE CULTURA DO DISTRITO FEDERAL. Disponível em <[www.cultura.df.gov.br](http://www.cultura.df.gov.br)>.

<sup>4</sup> Segundo o site do Governo do Distrito Federal, a estimativa do público anual é de quase 1 milhão de pessoas. Tendo recebido um público estimado de 970 mil visitantes em 2014. Disponível em <<http://www.df.gov.br/museu-nacional-do-conjunto-cultural-da-republica-honestino-guimaraes-2/>>, acesso em: 28/06/2019.

<sup>5</sup> Uma tendência comum dos governos a partir de 1970: “Os museus passam a ser ‘monumentos’, ícones da modernização da sociedade, emblemas da identidade cultural urbana, lugar obrigatório para a frequência turística e de lazer e diversão para o cidadão.” L. Gonçalves (2004, p. 66) in: DABUL, Lygia. Museus de grandes novidades: Centros Culturais e seu público. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 257-278, jan./jun. 2008.

<sup>6</sup> Sobre a Batalha no Museu acessar: <<https://www.facebook.com/BatalhaDoMuseu/>> e <<http://www.youtube.com/user/meleca1>>

## Referências

ALMEIDA, Adriana Mortara. **O contexto do visitante na experiência museal:** semelhanças e diferenças entre museus de ciência e de arte. *Hist. cienc. saude-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, supl. p. 31-53, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702005000400003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000400003&lng=en&nrm=iso)>, acesso em 28/05/2019.

BOURDIEU, Pierre e DARBEL, Alain. **O amor pela arte:** os museus de arte na Europa e seu público; tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2ª ed. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

CLIFFORD, James. **Museus como zonas de contato;** tradução de Alexandre Barbosa de Souza e Valquíria Prates. Texto originalmente publicado no livro *Routes: travel and translation in the late twentieth century*, 1997. *Periódico Permanente* nº6, fev. 2016.

DEWDNEY, Andrew & WALSH, Victoria. **Agency, Ambivalence, Analysis – approaching the museum with migration mind.** Org. Ruth Noak. Mela Bools, London, 2013.

DABUL, Lygia. **Museus de grandes novidades:** Centros Culturais e seu público. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 257-278, jan./jun. 2008.

GONÇALVES, Simone Neiva Loures. **Museus projetados por Oscar Niemeyer de 1951 à 2006:** o programa como coadjuvante. São Paulo, 2010. [Tese de doutorado]

## Narla Skeff

Artista e educadora em exposições de arte, projetos e escolas. Foi professora da Educação Básica no Ensino Fundamental II e Médio. É mestranda em Arte Contemporânea na linha de Educação em Artes Visuais do Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília – PPGAV/UnB. Licenciada em Artes Plásticas pelo IdA/UnB. Em 2019, foi mediadora no Espaço Cultural Marcantonio Vilaça (Brasília/DF).